“A Colheita do Dólar”: processo industrial, acidentes de trabalho e atuação política da Lumber Company. Planalto Contestado, 1911-1930.

Alexandre Assis Tomporoski^{1}*

RESUMO

TOMPOROSKI, A. A. **“A colheita do dólar”: processo industrial, acidentes de trabalho e atuação política da Lumber Company. Planalto Contestado, 1911-1930.** O texto que segue trata da *Lumber Company*, madeireira e colonizadora norte-americana instalada em Três Barras, então território paranaense contestado por Santa Catarina. O impacto de sua presença naquela área contribuiu decisivamente para deflagração do movimento sertanejo do Contestado (1912-1926). Analisamos seu processo industrial, o qual é reconstruído a partir de inquéritos judiciais referentes aos casos de acidentes de trabalho ocorridos na empresa. O rastreamento desses sinistros demonstra a atuação política da companhia no sentido de controlar os altos custos decorrentes das indenizações relativas aos acidentes. As disputas em torno da nomeação das autoridades que regiam os inquéritos – em especial o subdelegado de Três Barras – culminaram com a execução de um tenente da Força Pública de Santa Catarina pelos homens do corpo de segurança da empresa, demonstração da sobreposição do poder privado mesmo sobre as decisões do governo do estado catarinense.

Palavras-chave: *Lumber Company*; acidentes de trabalho; coronelismo.

ABSTRACT

TOMPOROSKI, A. A. ***The Dollar's harvest: industrial process, job accidents and Lumbers Company politics performance. Contestado Plateau, 1911-1930.*** The follow text deals with the Lumber Company, wood company and north-American colonizing installed in Três Barras, the Paraná's territory contested by Santa Catarina. The impact of its presence in that area really contributed for the country movement outbreak (1912-1926). We analyzed its industrial process, which is rebuilt from judicial investigations relating to the work accidents cases that happened in the company. The tracking of these claims demonstrates the company's policy in order to control the high costs of compensation for accidents. The disputes over the appointment of authorities governing investigations - especially the deputy of Três Barras - culminated with the execution of a lieutenant of the Armed Forces of Santa Catarina by the men of the company's security body, demonstration of overlap of the private power even over the decisions of the Government of the State of Santa Catarina.

Key words: *Lumber Company*; work accidents; colonel power.

INTRODUÇÃO

A Southern Brazil Lumber and Colonization Company

O advento da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* está conectado ao processo de construção de uma ferrovia que interligaria os estados do sul do Brasil. Para este fim, o governo brasileiro estabeleceu contrato com a *Brazil Railway Company*, empresa responsável pela construção do caminho de ferro que cortou o planalto norte de Santa Catarina, tendo como pontos de partida e de chegada as cidades de Itararé em São Paulo e de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, respectivamente. A construção dessa grande linha férrea afetou a vida das pessoas residentes nas regiões por ela cortada, aumentando o valor econômico das terras, agravando problemas sociais e influenciando diretamente a deflagração do movimento sertanejo do Contestado, entre os anos de 1912 e 1916, na região de fronteira entre os estados do Paraná e de Santa Catarina.

No ano de 1910, foi concluída a construção do trecho referente ao território catarinense, num total de 380 quilômetros, entre as cidades de União da Vitória, no Paraná e Marcelino Ramos, no rio Uruguai. Sete anos depois, o ramal que ligava União da Vitória e a cidade portuária de São Francisco do Sul, em Santa Catarina, foi concluído e colocado em funcionamento. A conclusão deste ramal permitiu o rápido escoamento da produção de madeira e erva-mate do planalto catarinense.

O contrato para construção da ferrovia determinou que a empresa responsável pela obra – a *Brazil Railway Company* – teria direito a explorar as terras adjacentes à linha tronco, em uma extensão de até 15 quilômetros para cada lado do leito da linha férrea.

Essas terras eram cobertas por milhões de pinheiros da espécie araucária, imbuías, canelas-pretas, cedros e cabriúvas. Objetivando serrar e exportar esta madeira de alto valor econômico e, mais tarde, vender parte daquelas terras a imigrantes europeus, foi constituída uma subsidiária da *Brazil Railway Company*, a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Em 1910, a *Lumber* instalou em Três Barras, então território paranaense contestado por Santa Catarina, uma moderna serraria.

A empresa instituiu um processo industrial altamente mecanizado com elevada organização técnica. O processo iniciava com o corte das toras no meio da floresta, tarefa realizada por grupos de trabalhadores que se embrenhavam nas matas, selecionavam e serravam as árvores. Em seguida, as toras que jaziam ao chão eram presas a cabos de aço com centenas de metros de comprimento e içadas por guinchos movidos a vapor comprimido. As toras gigantescas eram arrastadas até a margem dos ramais ferroviários construídos pela própria empresa, que poderiam atingir até 30 quilômetros de extensão. Ao serem arrastadas, destruíam toda a vegetação que estivesse em seu caminho, ou seja, árvores menores - espécies economicamente menos interessantes - e também grandes quantidades de árvores de erva-mate, cuja extração consistia em elemento de subsistência para a população pobre que habitava a região. Após chegar à beira dos trilhos, o mesmo guincho erguia as toras e as colocava sobre vagões que eram conduzidos até o engenho da serraria, no centro da vila de Três Barras. Dentro do engenho, as toras eram serradas, selecionadas e armazenadas mecanicamente. Subsequentemente, eram carregadas em vagões e transportadas até os portos de São Francisco do Sul e Paranaguá e dali enviadas ao exterior.¹

O processo industrial da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*

“Três Barras, de ontem para hoje, converteu-se num centro populoso, pela emergência ao redor da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, cujas poderosas máquinas desdobram em tábuas, cada ano, cerca de 80 mil pinheiros, com a exportação de não menos vultosa quantidade de toras. Com a sua máquina de 1200 cavalos, as suas chaminés cinzentas em projeções de manhã à noite (...) o fragor violento das engrenagens, deposita, essa empresa, naquela altura do sertão, a ideia de um monstro, que criminosa e sorrateiramente estivesse a devastar a riqueza da floresta brasileira numa grande ânsia de substituí-la pelos descampados onde os rios definham e as sombras escasseiam”.²

No ano de 1919 surgiu em Canoinhas - município distante aproximadamente 13 quilômetros de Três Barras - um novo jornal semanal intitulado *O Democrata*, de propriedade do então superintendente municipal, Otávio Xavier Rauen. O advento do jornal ocorreu no período de disputa e cisão política dentro do Partido Republicano local, iniciada a partir do resultado das eleições do ano de 1918 para a superintendência de Canoinhas.

Desde as suas primeiras edições, o semanário elaborou críticas contra seus adversários políticos, entre eles, Oswaldo de Oliveira, médico da companhia *Lumber* e seu representante político. O combate aos excessos da empresa estrangeira manifestava-se mediante críticas pela inexistência de um plano efetivo de colonização da região com imigrantes após a derrubada da floresta – o que estava previsto no contrato e não vinha acontecendo – bem como pela ausência de reflorestamento de áreas devastadas. Referenciada como *O Polvo*, por ter estendido seus tentáculos em todas as direções em busca do lucro, a empresa era alvo de críticas incisivas tanto pelos redatores do jornal, quanto por outros indivíduos da região que se opunham à presença da gigante estrangeira.

No mês de junho de 1919, foi publicado um texto assinado por Dídio Augusto. Ele havia sido prefeito de Três Barras até o ano de 1917, quando ainda pertencia ao estado do Paraná. Dídio também exercia a função de rábula – advogado não formado – atividade através da qual combatia a *Lumber*, instaurando diferentes ações contra aquela empresa.³ Além disso, representou os trabalhadores na interlocução com os diretores da companhia por ocasião das greves deflagradas no ano de 1919, proferindo discursos aos paredistas durante o período de interrupção dos trabalhos.

O texto, além de ser uma crítica contundente, promove uma descrição pormenorizada das atividades da companhia, inclusive acerca de seu processo industrial e do impacto ambiental por ele impingido para a região de Três Barras. As rápidas transformações que atingiram toda aquela área preocupavam o autor. As palavras contumazes deixam transparecer uma preocupação praticamente inexistente para aqueles dias em que ‘progresso’ e ‘desenvolvimento’ eram as palavras de ordem, não apenas naquela região, mas em todo território nacional. Dídio sustentava um viés ambiental e nacionalista. Seu texto condena a destruição das matas e dos rios, da ‘floresta brasileira’ e define como ‘criminosa’ a atuação da companhia. O texto de Dídio, publicado em junho de 1919, proporcionou elementos para reconstituir parcialmente o processo industrial da companhia.

A *Lumber* instituiu um processo industrial com ritmo de trabalho e produção admiráveis aos padrões do início do século XX. A complexidade desse processo e a compreensão de suas nuances, exigem seu delineamento em três grandes áreas de atividade. Em primeiro lugar, o *serviço das matas*. Nesse setor era realizada a extração da madeira em meio à floresta. Um processo singular assentado, principalmente, na potência dos espantosos guinchos movidos a vapor comprimido. A etapa seguinte consistia no *beneficiamento da madeira*, executado dentro da serraria da empresa, ou seja,

a transformação das toras em tábuas, um processo altamente mecanizado, com base no engenho. Por último, o rápido *transporte* por via férrea. Transporte de trabalhadores, equipamentos, matéria-prima, além, é claro, do célere escoamento da produção.

O serviço das matas, o avançamento dos trilhos e o guincho

A seção denominada “serviço das matas”, agrupava as diferentes atividades relacionadas à extração da madeira na floresta e seu transporte dos locais de corte até a serraria da companhia, em Três Barras. Essa seção também executava o serviço de expansão dos ramais ferroviários da *Lumber*, uma operação denominada “avançamento dos trilhos”. A necessidade de grupos de trabalho que cuidassem continuamente da manutenção e ampliação da rede ferroviária particular da empresa é facilmente compreendida. Com o início das atividades da *Lumber* em 1911, a madeira próxima à serraria foi extraída nos anos subsequentes com tal ferocidade que a expansão dos ramais tornou-se a única possibilidade de acesso a novas áreas exploráveis. Esse processo exigiu a construção de centenas de quilômetros de ramais por toda a região de Canoinhas e Três Barras, com o intuito de atingir as reservas mais longínquas de madeira nobre e erva-mate:

“A princípio os pinheiros, as imbuías, as canelas, eram trazidas em alguns minutos dos arredores das suas instalações, aliás, em forma de acampamentos provisórios e com uma disposição de quem tenciona transferir-se para outro ponto, depois de haver esgotado o precioso material daquelas brenhas seculares”.⁴

O trabalho de avançamento dos trilhos estava reservado a trabalhadores contratados sob regime de empreitada. A maioria desses trabalhadores residia nos chamados “acampamentos”, montados pela própria companhia com o intuito de manter o pessoal mais próximo dos seus locais de trabalho na floresta.

O primeiro estágio para o avançamento dos trilhos consistia em definir a direção que o ramal seguiria. Definida a direção, um grupo formado por engenheiros, agrimensores, homens do corpo de segurança da companhia e operários, embrenhavam-se pelas matas abrindo picadas e marcando o trajeto dos trilhos. No estágio seguinte turmas de trabalhadores derrubavam o mato e faziam os deslocamentos de terras necessários, além de aterros e pontes.⁵

Um desses trabalhadores envolvidos no *avançamento dos trilhos* era Simão Lubaczski, natural da Ucrânia, o qual, no dia 29 de março de 1922, sofreu um acidente de trabalho.⁶ No momento em que estava carregando trilhos para o avançamento da *Linha Central Pacheco*, um dos trilhos, ao ser colocado no vagão, desprendeu-se e escorregou pela prancha de madeira. Ao tentar impedir a queda, Simão tentou segurá-lo, não conseguindo, teve a mão esquerda presa entre dois trilhos. O acidente resultou no esmagamento da extremidade do dedo mínimo da mão esquerda, que foi amputada em consequência dos ferimentos.

Leopoldo Padilha, trabalhador da *Lumber* entre os anos de 1926 e 1955, afirmou em entrevista que:

“Eu comecei com 17 anos, no serviço de avançamento dos trilhos, (...) precisava sempre ter gente trabalhando no serviço de avançamento dos trilhos, no movimento de terra e na derrubada das toras (...). Eu acordava às 04h00min

da manhã e esperava o transporte lá no acampamento. Então vinha um trem que carregava o pessoal todo até o lugar em que a gente tava trabalhando por último, o trabalho de verdade começava às 07h00min. A gente morava ali por 1 ou 2 anos, até acabar a madeira, depois era transferido pra outro lugar (...) A gente trabalhava com qualquer tempo, chuva, vento, geada. Quando trabalhava no avançamento do trilho a gente tinha folga, mas quem era carregador tocava direto, domingo e tudo”.⁷

Os guinchos operavam sobre carros de trens e se locomoviam pelos ramais ferroviários às diferentes frentes de extração de madeira abertas pela companhia. Esses guinchos eram constituídos por grandes engrenagens e roldanas, o que possibilitava a utilização de cabos de aço de ingente proporção. Tais cabos eram arrastados pelos operários até o meio da mata, em distâncias variáveis, podendo chegar até 500 metros de distância.⁸ Em seguida, os engatadores prendiam as toras, que já estavam ao chão, serradas anteriormente por outras turmas de trabalhadores ao cabo de aço. Ao sinal dos operários, o manobreiro do guincho acionava as alavancas e iniciava o arrasto da tora, a qual destruía absolutamente tudo que estivesse à sua frente, outras árvores, ervas nativas e também operários.

“Sabem quase todos, o que é um pinheiro, uma imbuia, um louro ou uma cabriúva. Pois bem. O *guincho* apanha qualquer desses gigantes, num raio de 500 metros, puxando-o por cabo de aço, rapidamente, e o coloca, em toros brutos, sobre o vagão que o conduz à serraria. E, no percurso, do cepo ao vagão, nada fica de pé, sendo as madeiras novas e a erva mate quebradas ou desarraigadas, como se por ali houvesse passado um ciclone ou titânico arado, rasgando o solo para... a colheita do dólar. Pensemos agora nos pinheiros, imbuias, cedros, louros e cabriúvas existentes numa área de mil metros quadrados e que todas essas madeiras são colhidas por tal processo, e fácil será conceber-se que a devastação resultante, ou o *rapador* que fica, no expressivo dizer do caboclo. É uma calamidade!”⁹

Quando as toras chegavam à margem dos trilhos, aonde estava o guincho, eram içadas e empilhadas ao longo do ramal ferroviário. O próximo estágio era carregar as toras nos vagões dos trens e despachá-las para a serraria de Três Barras. Cada tora era presa pelas duas extremidades, levantada na posição horizontal e depositada sobre os vagões:

“(…) com o tempo, porém, a locomotiva teve de ir buscá-las mais longe, auxiliadas pelos guinchos a vapor, que arrebatam das florestas as toras já cortadas e os trazem, meio pelo ar, em tremendos safanões e numa zorrada infernal, destruindo e derrubando árvores e arbustos que lhes estejam à frente como um novo tank, a cuja retaguarda se abre uma clareira de alguns metros para depositá-los no vagão com a facilidade e a presteza com que se podia movimentar um saco de algodão”.¹⁰

Nesse procedimento, havia distintas funções necessárias à manutenção da logística e à operacionalização do guincho. Uma dessas funções era atribuição do operário Antonio Amaral¹¹, que trabalhava como “lenheiro”. Antonio tinha 26 anos de idade, era solteiro, sabia ler e escrever, morava no *acampamento Bugre* e era encarregado pela condução de lenha para combustível dos guinchos da companhia *Lumber*, trabalho pelo qual recebia a diária de 6\$750 (seis mil, setecentos e cinquenta réis). No dia 29 de setembro de 1927, Antonio estava em seu trabalho, procurando

lenha pelas redondezas da mata para alimentar a fornalha do guincho nº. 02, próximo ao desvio do armazém do Bugre. Pelas 10 horas da manhã, ao retornar com lenha para o guincho, passou por cima de um dos cabos de aço esticados, o qual estava sendo preso a uma tora e, no exato momento em que cruzou o cabo, foi içado pelo guincho, sendo lançado à longa distância. Antonio fraturou o braço esquerdo, teve esmagamento da perna esquerda, o tórax e a face feridos e chegou ao hospital da *Lumber* em estado de coma. Apesar dos graves ferimentos, pouco mais de um mês após o acidente, o médico da companhia declarou que Antonio estava completamente curado, tendo retornado ao trabalho habitual. O operário recebeu apenas metade das diárias referentes aos dias em que esteve afastado, ou seja, a metade do salário do mês em que esteve internado.

As turmas de abate das árvores eram também responsáveis pelo engate do cabo às toras. Cerca de dez a doze colegas de trabalho abraçavam-se ao cabo de aço, fazendo uma alavanca com o ombro, e o arrastavam até o local em que estavam as toras abatidas. Ali, por meio de amarras, prendiam o cabo a uma das extremidades da tora e em seguida era dado o sinal de arrasto ao manobrista do guincho, o qual puxava a tora até o leito da linha férrea. Aguardavam a tora passar, arrastada pelo cabo, e retornavam caminhando (por algumas centenas de metros) até o guincho, repetindo o processo.

Em entrevista, o ex-trabalhador da *Lumber*, Leopoldo Padilha, afirmou que os acidentes de trabalho eram bastante comuns. Segundo ele, principalmente com o “*peessoal mais novo*”, tanto os jovens quanto os inexperientes, que desconheciam os segredos da função e acabavam se envolvendo em um acidente:

“(...) costumava acontecer com o pessoal que era mais novo. Uma vez no mato um guri novo começou a trabalhar no primeiro dia eu avisei ele pra não passar por cima do cabo, mas não adiantou. Um dia ele passou por cima na hora em que o guincho puxou o cabo, pegou ele no meio das pernas e jogou longe”.¹²

No estágio final, após as toras terem sido abatidas no interior da mata, engatadas aos cabos de aço e arrastadas pelo guincho por centenas de metros até a margem dos trilhos, ali, outro cabo do guincho, mais curto, içava a tora e a depositava sobre os carros dos trens, os quais as transportavam até a serraria em Três Barras para serem beneficiadas: “*mais alguns instantes e essas árvores estão desmanchadas em toras, transportadas em seguida para São Francisco, sendo que desse porto são baldeadas para o transatlântico que as levará a Nova Iorque e Londres*”.¹³

Finalizado o carregamento das toras sobre as dezenas de vagões, os trens partiam em direção à serraria. Quando chegavam, os vagões eram desengatados e, um a um, conduzidos através de outros quatorze pequenos ramais.¹⁴ Essas pequenas linhas ferroviárias conduziam os vagonetes carregados de toras até uma esteira, uma espécie de elevador que transportava as toras para dentro da serraria. O trabalho de retirar as toras dos vagões e colocá-las sobre a esteira, era executado por um grupo de três operários, com o auxílio de um pequeno guincho que içava as toras e as colocava sobre um compartimento inclinado, de onde rolavam individualmente para a esteira, através da qual, subindo, adentravam o engenho. No alto dessa esteira, dois jatos de água ininterruptos encharcavam as toras, ao mesmo tempo lavando-as e molhando-as com o intuito de facilitar o processo de serragem:

“É formidável, de qualquer modo, a atividade dessa empresa (...) [as toras] são atiradas, em alguns minutos, junto da correia condutora que as leva suavemente, em posição horizontal, para os tablados em plano inclinado, à esquerda e à direita, próximo das serras circulares, cuja ação contínua no

cortar, operou uma verdadeira revolução na indústria da madeira pelo notável adiantamento do trabalho.”¹⁵

As serras circulares representavam a grande transformação e modernização desta atividade. Um fato assaz interessante revela a importância da serra circular para o processo industrial da *Lumber*. Os trabalhadores encarregados de afiar as serras recebiam salários bastante elevados e trabalhavam em compartimentos isolados para que não fossem descobertos os segredos daquele ofício. Da serra circular, dependia o êxito da empresa.

Após adentrarem o engenho, as toras eram depositadas sobre outra esteira. Dali, rolavam, uma a uma, até o “carro de serrar”, aonde a tora era afixada por “braços” do carro que, efetuando movimentos coordenados e contínuos, pressionava-as contra as serras em movimento, cortando-as em tábuas.

“Em 30 segundos mais ou menos o rolo está cortado, o que representa uma média diária de 800 e 826 rolos em 8 horas de trabalho. À proporção que vão sendo serradas as tábuas caem em uma calha onde uma corrente sem fim e girando sobre si mesma as vai levando, uma atrás das outras, para a dependência, onde são assinadas a lápis na passagem, com as classificações 1, 2 e 3, qualidade, qualidades, tomando, depois o destino da estufa.”¹⁶

Francisco Mayeski sofreu um acidente exatamente neste ponto do processo industrial. Francisco também era polonês, tinha 33 anos de idade, casado e morava no distrito de Três Barras. Ele era mecânico da serraria¹⁷ da *Lumber* e por esta função recebia a diária, bastante alta para os padrões da empresa, de 11\$000 (onde mil réis). No dia 13 de dezembro de 1923, por volta das 10h00min, *Francisco* estava na serraria quando tentou ajudar a retirar uma grande tora do vagão e colocá-la no elevador a fim de ser beneficiada. “*Neste momento, uma peça que damos o nome de macaco, apertou-lhe dois dedos da mão esquerda, ficando um destes completamente esmagado.*”¹⁸

Uma das testemunhas do acidente de Francisco, seu colega de trabalho, Antonio Gigiski, natural da Polônia, com 21 anos de idade, solteiro, alfabetizado e também residente na vila de Três Barras, afirmou que “*Francisco Mayeski ajudava a colocar uma grande tora de imbuia a fim de ser serrada quando foi apanhado no dedo mínimo da mão esquerda pelo ‘Macaco’ que gira as toras naquele lugar, sendo em seguida mandado para o Hospital da Companhia.*”¹⁹

Empilhação

Com um sistema distinto daquele empregado no transporte das caixas, as tábuas saíam da serraria e corriam sobre roletes até chegarem à “Seção de Empilhação”. Através desta esteira, as tábuas eram conduzidas até os operários responsáveis pela empilhação, que deveriam separar as tábuas por tamanho, tipo (isto é, a espécie da árvore que foi serrada) e grau de qualidade.

Em seguida, eram formadas pilhas de tábuas sobre pequenos vagonetes estacionados ao lado desta cancha. Esses vagonetes ficavam assentados sobre os trilhos dos ramais internos. Ao serem totalmente carregados, os vagonetes eram empurrados até a linha principal; ali, havia “máquinas”, locomotivas de empilhação, as quais davam impulso ao vagonete. Assim, em uma velocidade controlável, o operário empurrava-o carregado até um dos setores de empilhação.

Era exatamente este o trabalho atribuído a Ludovico Rosalinski, funcionário da “Seção Empilhação” da *Lumber* recebendo a diária de 5\$000 (cinco mil réis). No dia 10 de novembro de 1920, ele e outros operários trabalhavam na distribuição e empilhação das madeiras verdes recém-serradas. Ludovico carregava um vagonete com tábuas recém-beneficiadas e as levava até o local onde estas deveriam ser empilhadas. Logo após o impulso dado por uma das locomotivas, o seu vagonete descarrilou e o operário, perdendo o equilíbrio, agarrou-se às madeiras, as quais tombaram sobre ele, resultando em graves lesões.²⁰

As pilhas de tábuas eram erguidas atendendo à classificação pré-estabelecida (tipo, tamanho e qualidade da madeira). Os pequenos vagonetes transitavam entre as grandes pilhas, as tábuas eram manualmente retiradas dos vagonetes e assentadas em pilhas formadas com um certo grau de inclinação, visando facilitar o carregamento dos vagões para transporte da madeira pela ferrovia. Apesar de todos os recursos técnicos e mecânicos utilizados no trabalho de empilhação da madeira, os operários eram fundamentais nesta função, construindo as pilhas de madeira beneficiada que estariam à espera do transporte para os portos de São Francisco do Sul e Paranaguá e dali, para o exterior.

O transporte de trabalhadores, equipamentos e matéria-prima

A *Lumber* necessitava de intensa movimentação de trens para tornar viável a extração da madeira em matas cada vez mais distantes e do seu transporte para o beneficiamento na serraria de Três Barras. O transporte de mantimentos e equipamentos da erva-mate, da madeira beneficiada e dos próprios trabalhadores era realizado pelos trens. A capacidade de transporte da matéria-prima em tempo bastante reduzido foi um dos principais fatores responsáveis tanto pelo dinamismo do trabalho quanto pela elevada produção da companhia: “tudo é mecânico e rápido na enorme serraria das Três Barras. Abastecidas e reabastecidas de pressão pela caldeira motriz da fábrica, as locomotivas partem velozmente para o interior do mato, de onde voltam com grandes fileiras de carros atulhados de toras...”²¹

Normalmente, em cada trem da *Lumber* havia três trabalhadores: um “foguista”, o sujeito que deveria cuidar do combustível, da temperatura e do funcionamento da fornalha da locomotiva de um modo geral; o “maquinista”, responsável pelo movimento e condução da máquina e chefe dos outros dois; o “manobreiro”, aquele responsável pelas manobras dos trens, engate e desengate dos carros junto à locomotiva e manobras dos guinchos e vagões.²²

Os acidentes de trabalho aconteciam com muita frequência entre os manobreiros, principalmente porque - dentre os três operadores da máquina - este desenvolvia sua função e executava suas tarefas fora da locomotiva, entre os carros e vagões. Entre os manobreiros, eram bastante comuns acidentes envolvendo esmagamento das mãos enquanto operavam o engate e desengate de carros. Foi o que ocorreu com o operário Vicente Kianka, natural da Áustria, com 23 anos de idade e morador do *Acampamento Bugre*. Ele era manobreiro da máquina n.º 15 da *Lumber*, quando, no dia 20 de setembro de 1927, pelas 08h00min, ao executar os engates de vagões, um destes moveu-se, prendendo a mão direita do operário entre os dois pára-choques e lhe causando a perda do dedo indicador.²³ Algo parecido sucedeu com João de Souza. No dia 07 de agosto de 1924, aos 22 anos, quando trabalhava como manobreiro dos trens, ao fazer a ligação de dois carros carregados com toras, sua mão ficou presa entre os batentes daqueles carros. João teve esmagamento das extremidades dos dedos indicador e médio da mão direita, tendo a metade dos dois dedos amputada.²⁴

Conforme mencionado anteriormente, a estrutura industrial da *Lumber* estava fundamentada no princípio do transporte rápido de grandes quantidades de matéria-prima, equipamentos e trabalhadores. Os trens também eram responsáveis pela manutenção dos trabalhos das matas, efetuando o reabastecimento do tanque de vapor do guincho de toras. Era esta a função dos trabalhadores da máquina nº 11, quando, no dia 29 de janeiro de 1927, ainda pela manhã, a locomotiva partiu da serraria da *Lumber*, onde o manobreiro João Alaburo, operário polonês de 23 anos de idade, engatara, com a ajuda de outros trabalhadores, um carro no qual estava embarcado um tanque de vapor comprimido.²⁵ Esse tanque deveria ser levado ao serviço das matas para reabastecer um dos guinchos que içavam as toras abatidas. Por volta de meio dia e meia, na altura do quilômetro 291 do “ramal das matas”, próximo a um corte – uma espécie de barranco aterrado para servir de base para novos trilhos – o carro tanque descarrilou. Os operários que viajavam nos demais carros do trem tentaram avisar o maquinista e parar a máquina, porém não houve resposta já que o trem estava em uma curva da linha.²⁶ O carro no qual o tanque estava descarrilou, indo este de encontro ao corte. Estanislau Lascosky, operário polonês empregado na função de manobreiro, ficou preso embaixo do carro, de onde foi retirado já sem vida.²⁷

A capacidade de transportar rapidamente grandes contingentes de trabalhadores também era fundamental para a manutenção de seu processo industrial. Inclusive os operários que estavam empregados nos serviços das matas e moravam em acampamentos da companhia eram transportados pela manhã em trens, muitas vezes montados sobre toras ou equipamentos.²⁸

A grande maioria dos operários empregados nas matas chegava aos locais de trabalho embarcados nesses trens. Assim começava mais um dia de trabalho para uma turma de operários da *Lumber* e que também moravam no “*Acampamento Bugre*”, distante 15 quilômetros da sede da empresa. Naquele dia de verão, o trabalho pesado teria o agravante do calor insuportável, como costuma acontecer no auge dos verões na região do planalto catarinense. Já às 06h00min da manhã, quando o sol se mostrava por entre as araucárias, o operário Manoel de Oliveira e seus colegas esperavam o transporte para o local de trabalho em um trem de toras que os apanharia próximo ao acampamento. O trem surge, os operários Afonso Augusto, João de Souza e Alberto Choutska, amigos de Manoel, sobem no trem. No entanto, no momento em que este executa a mesma manobra, com o trem já em movimento, escorrega e é colhido pelas rodas dos carros da locomotiva:

“(...) Manoel de Oliveira, (...) disse que é empregado como operário da Companhia *Lumber* no carregamento de toras no serviço das matas, e que hoje, pelas 06h00min da manhã quando procurava embarcar no trem que faz o serviço de condução escorregando deixou-se prender pelas rodas de um dos vagões, causando-lhe os ferimentos que apresenta. Seu salário é de 7\$650 réis, ou seja, 850\$ réis por hora, para 9 horas de serviços diários. Disse ser solteiro, não ter parentes ou pessoas que vivam às suas expensas e que o acidente ocorrido foi puramente casual”.²⁹

Apesar de ter chegado consciente ao hospital da companhia, em Três Barras, o operário faleceu poucas horas mais tarde em decorrência dos graves ferimentos que recebeu por todo o corpo. Mesmo consternados com a gravidade do acidente de seu colega, os demais operários prosseguiram para o trabalho.

Os acidentes de trabalho e a atuação da *Lumber* no jogo político local

Em 20 de outubro de 1916, a assinatura do Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina oficializou o término da Guerra do Contestado. Como consequência direta, o então município paranaense de Três Barras passou ao controle catarinense na condição de distrito de Canoinhas. Com a mudança, houve um acirramento na disputa pelo poder na região. O número de cargos, o orçamento e a importância política de Três Barras foram, teoricamente, reduzidos. Na prática, o então superintendente municipal da Três Barras paranaense, Dídio Augusto, perdeu seu cargo. Em seu lugar, assumiu o novo intendente do distrito catarinense de Três Barras, Oswaldo de Oliveira. O resultado foi o fortalecimento do poder político desta liderança, a mais proeminente da localidade. A partir de então, o superintendente municipal estava na sede do município, ou seja, em Canoinhas, e não mais na própria Três Barras ou em Rio Negro. Com a mudança, o eixo do poder deslocou-se para o sul, mas Oswaldo continuava sua trajetória, obtendo vitórias importantes sobre seus adversários.

Em pouco tempo, Oswaldo e sua mantenedora, a *Lumber Company*, intentaram a conquista da superintendência municipal de Canoinhas. No entanto, nesse período, Otávio Xavier Rauen assumiu o cargo, barrando a tentativa dos chefes políticos do novo distrito de Três Barras de ascenderem ao poder na sede do município. Oswaldo conseguiu mobilizar grande número de correligionários, criou um impasse dentro do Partido Republicano local e impediu a posse de Rauen.

No período da Primeira República, as nomeações para cargos de delegado e subdelegado de polícia estavam diretamente relacionados com o fenômeno político do “coronelismo”. Formalmente, o chefe de polícia estadual detinha o comando de tais autoridades, que por sua vez era subordinado ao governador. Porém, na prática, os ocupantes desses cargos eram homens de confiança dos superintendentes municipais. Os cargos não eram remunerados e poderiam ser ocupados por leigos, transformando-os em pilares estratégicos para suporte das redes políticas locais, muitas vezes, com o uso explícito da força. Além disso, os cargos eram ocupados por pessoas indicadas pelo Partido Republicano de cada município. A troca de favores que sustentava todo o jogo político do “coronelismo” resultava na indicação de homens de confiança do principal coronel da região para tais cargos. Portanto, os cargos da força policial de cada distrito e município eram definidos pelo superintendente municipal, comumente o principal coronel da região. (MACHADO, 2004) A cisão do Partido Republicano local, resultado da ruptura entre a facção de Oswaldo de Oliveira (e da *Lumber*) e o poder estadual, agravou-se ainda mais nas semanas seguintes.

A substituição do comando da delegacia de Três Barras não ocorreu de forma pacífica. Desde o início da titularidade do tenente Câmara, surgiram muitos problemas provenientes de diversas questões, especialmente no que tange a resistência oferecida pelo antigo ocupante do cargo Theófilo Becker, o subdelegado anterior ocultou documentos da delegacia de polícia de Três Barras. O novo subdelegado, tenente Câmara, deparou-se com um arquivo vazio, pois grande parte da documentação do período em que seu antecessor ocupou o cargo havia desaparecido. Foram inúmeras as tentativas de reaver os documentos. Nos depoimentos das testemunhas, houve muitas referências a essa questão. O sargento Miguel Bezerra da Silva afirmou que horas antes do crime passou nos fundos da casa de Theófilo e “ali parou por ter o mesmo lhe chamado, perguntando-lhe se havia ido buscar o arquivo da polícia...”.³⁰ O suplente do tenente Câmara, José Pacheco dos Santos Lima, declarou que alguns dias antes do crime, o escrivão de polícia do distrito de Três Barras – Mário Macaggi – havia sido procurado por Theófilo, que mandou:

“(…) esconder o arquivo desta delegacia, que não era para entregar ao tenente, e se ele lhe procurasse lhe dissesse que estava em casa dele, Theófilo, e assim que o tenente soube que o arquivo estava em casa dele Theófilo, mandou intimá-lo para entregar o arquivo. Respondeu Theófilo que não vinha”.³¹

Nas declarações prestadas pelo próprio Theófilo Becker, fica evidente a resistência em entregar a documentação. Segundo ele, após essa intimação do tenente para devolver o material, o delegado especial João de Deus Ferreira lhe procurou para saber onde estava o arquivo da polícia.³² Desaparecer com a documentação não era apenas uma tentativa de sabotar o trabalho do novo subdelegado. Certamente o material revelaria muito sobre as atitudes ilícitas do antigo ocupante do cargo, especialmente em relação aos negócios escusos da *Lumber* e à condução dos casos de acidente de trabalho.

A empresa utilizou-se de um leque amplo e variado de estratégias para lidar com os acidentes, as quais poderiam ser: o recolhimento da vítima ao hospital da própria companhia (reforçando um possível argumento de tratamento adequado à vítima); o cálculo proposital das indenizações em montante inferior ao devido mediante interpretações premeditadamente equivocadas do regulamento de acidentes; procrastinação do pagamento de indenizações e da celebração de acordos; fraudes no ato do pagamento das indenizações, já que muitos operários eram analfabetos e quem assinava os acordos, em substituição aos reclamantes, era o próprio subdelegado; rápida homologação de acordos com valores a menor, aproveitando as prementes necessidades de sobrevivência dos trabalhadores feridos (e sem trabalho) e de suas famílias - após a homologação desses rápidos acordos com valores em montante inferior ao efetivamente devido, a empresa negava-se ao pagamento de outros valores, argumentando que o trabalhador já havia aceitado o acordo e tentava caracterizá-lo como um aproveitador; readmissão de operários acidentados, o que permitia à empresa argumentar que o ferimento decorrente do acidente era insignificante, pois o mesmo já havia retornado ao trabalho (muitas vezes com fortes dores, ou com sua capacidade laboral reduzida e seu salário tolhido); laudos periciais fornecidos em juízo pelo médico da empresa, Oswaldo de Oliveira, invariavelmente nomeado perito legal para avaliação dos ferimentos dos trabalhadores, o qual normalmente subjugava propositalmente as limitações dos trabalhadores; e, finalmente, a ausência de comunicação de acidentes às autoridades competentes.³³

Por outro lado, é plausível supor que devido ao acirramento da disputa política que indispsôs o governo estadual e a *Lumber*, o novo subdelegado, tenente Câmara, poderia ter sido instruído a promover uma espécie de “caça às bruxas”. Desse modo, pretendia reprimir aqueles que de alguma forma estivessem ligados aos interesses da *Lumber* ou que haviam cometido alguma irregularidade em favor da empresa. Sendo esta possibilidade fidedigna ou não, o fato é que havia indisposição de muitos indivíduos da localidade perante a nova autoridade do distrito de Três Barras. Segundo seu suplente, o próprio tenente Câmara havia lhe confidenciado, no dia do crime, os diversos problemas que enfrentava, “tendo nesta ocasião lhe dito que se achava em má situação, visto o povo se achar desgostoso contra nós...”³⁴

Nessa escalada de tensões, a ruptura definitiva entre o ex-subdelegado e o recém-empossado na função, decorreu da contratação, efetuada por Theófilo Becker, de um foragido da polícia para ocupar a função de chefe de uma das oficinas da *Lumber*. O tenente Câmara recebeu denúncia contra Hugo Bensch³⁵ e enviou dois policiais – sendo um dos policiais o terceiro sargento Miguel Bezerra da Silva – até a companhia *Lumber* para conduzir o trabalhador à sua presença. Durante

a incursão, por volta das 12h00min do dia 28 de outubro de 1920, Theófilo surgiu à frente de um grupo de trabalhadores da companhia e impediu a prisão do denunciado. Segundo o próprio Theófilo:

"(...) estava nas oficinas da *Lumber* quando chegou uma praça e um sargento para efetuar a prisão de Hugo Bensch, ao que protestou, perguntando se eles tinham mandado de prisão, ao que responderam que não. Em vista da resposta ele disse ao sargento que era um abuso tirar um chefe da oficina que tinha sob suas ordens cento e poucos homens".³⁶

A atitude de Theófilo representou nova afronta à autoridade do subdelegado, tenente Câmara. Segundo Antonio Gaião, um dos acusados, após o ocorrido os componentes do grupo "saíram gritando que tinham tomado o preso do tenente".³⁷ Na tentativa de reafirmar sua autoridade, o tenente Câmara mandou intimar Theófilo para comparecer à delegacia naquele mesmo dia, às 20h00min.

A partir desse momento, Theófilo decidiu findar com as perturbações do tenente Câmara. Naquela mesma tarde, encontrou-se com diversas pessoas na estação de Três Barras, localizada exatamente em frente aos portões da companhia *Lumber*. Naquele local, aliciou indivíduos e iniciou a organização de um grupo, declarando que a intenção era promover a retirada do tenente do distrito de Três Barras. O enfermeiro do hospital da *Lumber*, Frutuoso Moreira, confirmou esta versão. Segundo ele, "no dia em que o tenente foi assassinado [ele depoente] esteve quase o dia inteiro angariando assinaturas para dois telegramas de solicitação de remoção do tenente ao Dr. Governador e ao Chefe de Polícia".³⁸ José Casado Dias, um dos acusados, afirmou (em uma ratificação de sua primeira declaração) que o intuito inicial era compor um abaixo-assinado, exigindo a retirada do tenente. Porém, em seu primeiro depoimento, declarou que na tarde do crime Theófilo o convidou para ir até sua residência, onde lhe disse "tomei um preso empregado da *Lumber* da polícia e por isso fui intimado para comparecer à Delegacia, irá um grupo de pessoas às 19h30min para fazer o tenente embarcar amanhã".³⁹ O abaixo-assinado, mesmo tendo existido, surgiu no processo como uma tentativa de inserir um atenuante aos atos praticados pelos depoentes.

Durante a tarde do dia 28, Theófilo percorreu a vila requisitando auxílio para compor o grupo que, alegava ele, expulsaria o tenente de Três Barras. Em sua casa reuniu muitas pessoas e as armou com rifles *winchesters* e revólveres. Muitos depoentes alegaram que a intenção do grupo se restringia a expulsar o tenente da localidade. Luiz José Guerra, operário da *Lumber*, disse que naquele dia, ao sair do trabalho, por volta das 18 horas:

"Dirigiu-se para sua residência para jantar, logo apareceram ali o espanhol José Casado Dias e Antonio Gaião, os quais lhe convidaram para tomar parte em um grupo de pessoas que nesta noite iam ao quartel intimar ao tenente e obrigá-lo a embarcar para fora deste distrito na manhã do dia 29".⁴⁰

Os homens do corpo de segurança da *Lumber* aliciaram operários da empresa. Nesse contexto, é admissível considerar que a ideia consistia em constituir um grande grupo para tornar a ação um ato coletivo da população, afastando a imputação de culpa a Theófilo. O Operário Avelino Pimenta:

"Disse que às 18 horas do dia 28 de outubro, tendo ele depoente com outros companheiros que trabalham na *Lumber*, largado o serviço se dirigiram para

a casa de Luiz Guerra, fornecedor de comida a ele depoente e outros seus companheiros, ali chegando e antes de irem pra mesa de jantar, compareceram José Casado Dias e Antonio Gaião [guardiões] que em nome de Theófilo Becker os intimou para irem ao quartel fazerem embarcar o tenente Câmara”.⁴¹

Na noite do fatídico dia 28 de outubro de 1920, o grupo organizado por Theófilo Becker reuniu-se em sua residência e seguiu em direção à delegacia de polícia de Três Barras. Liderando-o, Theófilo, seguido pelos guardiões da *Lumber*, Manoel Soares Fabrício e Antonio Diogo. Atrás destes, seguiam os operários da companhia, Avelino Pimenta, Luiz José Guerra e Antonio Guerra, além de outros indivíduos.

Ao chegarem às portas da delegacia, Theófilo, Manoel, Antonio e José Casado Dias adentraram o recinto e encontraram o tenente Câmara conversando com dois moradores do distrito. Theófilo disse ao tenente: “Estou aqui, me prenda agora, tenente”, e imediatamente desferiram uma descarga de tiros contra a vítima, que morreu instantaneamente, atingido por oito tiros de revólver calibre.38. A chegada do novo subdelegado a Três Barras repercutiu sobre uma série de interesses da companhia. A *Lumber* perdeu o favorecimento que até então recebia na condução dos casos por acidente de trabalho. Sem o apoio do subdelegado, a tendência era de um aumento bastante significativo nos custos com indenizações, além da perda de outras vantagens, como o auxílio às suas necessidades repressivas e coercitivas. Contudo, a empresa pretendia continuar a contar com os serviços de Theófilo. Após sua destituição, ele foi imediatamente contratado pela *Lumber* como uma espécie de compensação pelos trabalhos prestados à empresa. É evidente que após anos ocupando um cargo tão influente naquela comunidade, a experiência acumulada por ele e a capacidade de resolver problemas pouco convencionais eram habilidades consideradas muito úteis pelos diretores da companhia.

A arquitetura da execução do crime demonstra que o ato não foi uma vingança pessoal motivada por rivalidade ou inveja. Foi um crime de fundo político, relacionado às disputas que incendiaram a Comarca de Canoinhas nos anos 1919-1920. Nas declarações do suplente do subdelegado assassinado, José Pacheco, há um indício bastante significativo. Segundo ele, Theófilo teria dito a Manoel Soares Fabrício que “guri de óculos em Três Barras não se aprumava (...), e que quando o governo soubesse estaria com os óculos quebrados”.⁴²

NOTAS

¹ UFSC

¹ A partir da década de 1920, além da exploração da madeira em escala industrial, a *Lumber* também desenvolveu atividades ligadas ao beneficiamento e à exportação de erva-mate. Além de explorar os vastos ervais nativos localizados nas terras recebidas em concessão ou posteriormente adquiridas, a *Lumber* também comprava a erva de atravessadores locais, os quais acumulavam grandes quantidades adquiridas junto a pequenos produtores. A empresa tinha gastos com compra de erva-mate de terceiros, bem como com a construção de barracões para armazenagem do produto. Com a utilização de seus próprios ramais e da ferrovia da *Brazil Railway*, a *Lumber* operava com baixos custos de transporte, o que lhe dava grande vantagem sobre os demais empresários locais. Além da ferrovia, os rios da região eram caminhos para o escoamento da erva, por meio dos vapores “Três Barras” e “Porto Velho”, embarcações de médio porte de propriedade da empresa. Tais embarcações exigiam um porto permanente, bem como trabalhadores especializados – ou ao menos fixos – para carga e descarga dos produtos. In: **Relatórios Mensais da Southern Brazil Lumber and Colonization Company**. Balancete do mês de abril de 1917, p. 12. APESC, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, APESC.

² **O Democrata**, ano I, n.º 30. Canoinhas, 14 de junho de 1919. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

³ Os termos ‘empresa’ ou ‘companhia’ serão utilizados, indistintamente, para designar a *Lumber Company*

⁴ **O Democrata**. Canoinhas, 14 de Junho de 1919, *op.*, *cit.*

⁵ Essas informações foram retiradas de um filme-documentário produzido por uma empresa de propaganda da Argentina sob encomenda da *Lumber*. O objetivo era popularizar a empresa no Brasil e no exterior. Nesse filme, de aproximadamente quarenta minutos, é mostrado todo o processo industrial da empresa, bem como a moradia e algumas atividades dos trabalhadores. A cópia foi gentilmente cedida pelo LAPIS (Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som) da UFSC.

⁶ **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho**. Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Simão Lubaczeski*. Três Barras, 30 de março de 1922. Arquivo Histórico Municipal de Canoinhas, AHMC, p. 02

⁷ **Entrevista** com o ex-operário da *Lumber*, **Leopoldo Padilha**, de 96 anos, realizada em Três Barras, no dia 03 de setembro de 2005.

⁸ **O Democrata**, Ano I, N.º 48. Canoinhas, edição de 25 de outubro de 1919. BPESC. Distintos autores já atribuíram diferente capacidade ao guincho, com variações ao alcance de seus cabos de aço. Certamente esses cabos tinham comprimento variável, conforme as necessidades de extração da empresa.

⁹ **Idem**

¹⁰ **O Democrata**, 14 de junho de 1919, *op.*, *cit.*

¹¹ **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho**. Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Antonio Amaral*. Três Barras, 29 de setembro de 1927, p. 04. AHMC.

¹² **Entrevista Leopoldo Padilha**, *op. cit.*

¹³ **O Democrata**, 14 de junho de 1919, *op.*, *cit.*

¹⁴ **Mapa das Instalações da Companhia Lumber**, consultado no Museu de Três Barras.

¹⁵ **O Democrata**, 14 de Junho de 1919, *op.*, *cit.*

¹⁶ **Idem**.

¹⁷ **Francisco Mayeski** fora testemunha em outro processo por acidente de trabalho. Naquela oportunidade ocupava a função de manobrista do guincho (abril de 1925), cerca de um ano e meio após o acidente sofrido que o impossibilitou de continuar a exercer a função de mecânico do engenho. O citado Francisco Mayeski é tio-avô deste autor e, segundo relatos familiares, após longos anos no comando de um dos guinchos da *Lumber Company*, Francisco desenvolveu um grave problema de surdez – em função do altíssimo ruído produzido pelo guincho – o qual o acompanhou até o fim dos seus dias.

¹⁸ **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho**. Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Francisco Mayeski*. Três Barras, 13 de dezembro de 1923, p. 02. AHMC

¹⁹ **Idem**, p. 06.

²⁰ **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho**. Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Ludovico Rosalinski*. Três Barras, 10 de novembro de 1920, p. 05. AHMC.

²¹ **O Democrata**, 14 de Junho de 1919, *op.*, *cit.*

²² As informações resultam da consulta e análise dos diferentes processos por acidente de trabalho.

TOMPOROSKI, A. A.

²³ **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Vicente Kianaka*. Três Barras, 20 de setembro de 1927, p. 08. AHMC.

²⁴ **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *João Souza*. Três Barras, 07 de agosto de 1924, p. 04. AHMC.

²⁵ **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Estanislau Lascosky*. Três Barras, 29 de janeiro de 1927, p. 03. AHMC.

²⁶ **Idem**, p. 09.

²⁷ **Ibidem**, p. 13.

²⁸ Informação recorrente em diferentes processos analisados.

²⁹ **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Manoel de Oliveira*. Três Barras, 27 de fevereiro de 1924, p. 05. AHMC.

³⁰ Processo Crime por Homicídio do Tenente Francisco Arruda Câmara Junior. Réu: Theófilo Becker e outros. Cano-inhas, 1920. AHMC, pg. 34.

³¹ **Idem**, pg. 53.

³² **Idem, ibidem**, pg. 62 -3.

³³ TOMPOROSKI, Alexandre Assis. “**O Pessoal da Lumber**”: Um estudo acerca dos trabalhadores da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina (1910 – 1929). Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História). UFSC. Florianópolis, 2006. Capítulo 2.

³⁴ **Idem, ibidem**, pg. 54.

³⁵ O crime pelo qual ele era acusado ainda está sendo apurado

³⁶ **Idem, ibidem**, pg. 62.

³⁷ **Idem, ibidem**, pg. 42.

³⁸ **Idem, ibidem**, pg. 59.

³⁹ **Idem, ibidem**, pg. 37.

⁴⁰ **Idem, ibidem**, pg. 48.

⁴¹ **Idem, ibidem**, pg. 49.

⁴² **Idem, ibidem**, pg. 54.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Tarcísio Motta de. “**Nós não tem direito**”. Costume e Direito a Terra no Contestado (1912-1916). Niterói. Dissertação (Mestrado em História). UFF. Niterói, 2002.

DIACON, Todd A **Milenarian vision, capitalist reality. Brazil's Contestado rebellion, 1912-1916**. Durham: Duke University Press, 1991.

FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo**: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. “**O Pessoal da Lumber**”: Um estudo acerca dos trabalhadores da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina (1910 – 1929). Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História). UFSC. Florianópolis, 2006.

VALENTINI, Delmir José. **Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil**: a instalação da *Lumber* e a Guerra na região do Contestado (1906-1916). Porto Alegre. Tese (Doutorado em História). PUC/RS. Porto Alegre, 2009.

Fontes

1) Jornais

- **Gazeta do Povo**, Curitiba, n.º 4.236. Edição de 30 de Dezembro de 1930.
- **O Democrata**, Ano I, n.º 30. Canoinhas, 14 de junho de 1919. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.
- **O Democrata**, Ano I, N.º 48. Canoinhas, edição de 25 de outubro de 1919. BPESC.
- **O Imparcial**, Ano I, n.º. 06. Canoinhas, 25 de dezembro de 1915.
- **O Comércio**, Ano II, N.º 32. Porto União, 09 de março de 1936.
- **Diário da Tarde**, Curitiba, 08 de julho de 1912. Biblioteca Pública do Estado do Paraná.
- **A Plebe**, Ano III, n.º. 27. São Paulo, 23 de agosto de 1919. Cópia microfilmada consultada no Arquivo Edgard Leuenroth, no IFCH-UNICAMP, em Campinas, SP.

2) Fontes Orais

- **Entrevista** com o ex-operário da *Lumber*, **Leopoldo Padilha**, de 96 anos. Realizada em Três Barras, no dia 03 de setembro de 2005.
- **Entrevista** de *Friedrich Brauhardt* à *Áurea Arendartchuk*: <http://an.uol.com.br/1998out/30/0ger.htm>.
- **Entrevista** de *Pedro Sauchuck*, (ex-operador de projeção do cinema da *Lumebr*) à *Áurea Arendartchuk*. In: <http://an.uol.com.br/1998out/30/0ger.htm>.

3) Fontes Audiovisuais

- **Filme-Documentário** *Lumber Company, 1911*.

4) Documentos oficiais da empresa

- **Relatórios Mensais da Southern Brazil Lumber and Colonization Company**. Balancete do mês de abril de 1917, p. 12. APESC, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, APESC.
- **Mapa das Instalações da Companhia Lumber**, consultado no Museu de Três Barras.

5) Fontes Judiciais

- **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Simão Lubaczeski*. Três Barras, 30 de março de 1922. Arquivo Histórico Municipal de Canoinhas, AHMC.
- **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Antonio Amaral*. Três Barras, 29 de setembro de 1927.
- **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Francisco Mayeski*. Três Barras, 13 de dezembro de 1923.
- **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Ludovico Rosalinski*. Três Barras, 10 de novembro de 1920.
- **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Vicente Kianaka*. Três Barras, 20 de setembro de 1927.
- **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *João Souza*. Três Barras, 07 de agosto de 1924.
- **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Estanislau Lascosky*. Três Barras, 29 de janeiro de 1927.
- **Inquérito Judicial por Acidente no Trabalho.** Patrão: *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Vítima: *Manoel de Oliveira*. Três Barras, 27 de fevereiro de 1924.
- **Processo Crime por Homicídio** do Tenente Francisco Arruda Câmara Junior. Réu: Theófilo Becker e outros. Canoinhas, 1920. AHMC.